



EM TEMPOS

Aproximamo-nos este mês ao trabalho realizado por ex-marinheiros galegos do banco canário-saariano pola recuperación histórica das luitas sindicais iniciadas nos anos 80 para dignificar o setor com a ideia de servirem de exemplo para futuras gerações.

CRIAÇOM

Concha Rousia é psicoterapeuta de profissão, poeta por vocação e labrega por destino. Diz praticar todo o día a arte da conversa: na sala de terapia, no caderno e no quintal... Ajudar a cultivar mentes, espíritos e pimentos de Padrão. Premiada de romances, contos, crónicas, poemas, colunas de opinión em jornais galegos. foi colaboradora em Radio Alhariz e a psicóloga do programa 'Ondas da mente' de Ames Rádio. Preside o Instituto Cultural Brasil-Galiza, é Vice-Secretária da Academia Galega da Língua Portuguesa e representou a AGLP na Academia Brasileira de Letras. Na sua formosa prosa poética, fala-nos hoje de "rascunhos apagados".

CINEMA PARA PENSAR

'The Last Supper', filme do ano de 1995, é a típica obra para fazer pensar e criar debate. Ainda que de aparência realista, asinha nos damos de conta que se trata de personagens e situações levadas ao extremo, mas que se podem aplicar a situações quotidianas.

TEMPOS MODERNOS

No além do Samaim

A morte é um universal. A morte faz parte do melodrama colectivo da vida em todos os povos do mundo. O interesse dos antropólogos ocidentais pelos ritos funerários medrou de forma inversamente proporcional à ocultação sistemática da sua existência entre as pessoas que convivem na sociedade de consumo capitalista. Na equação neoliberal de uma pessoa –um cliente, uma pessoa– um número, o falecimento, a desapareção definitiva dum ser humano, é para a engenharia financeira uma simples baixa dum comprador de produtos que geram dividendos para as grandes corporações.

Xavier Viana

Mas a morte, como se pode supor, transcende esta visão reducionista do economicismo mercantilista. Os diferentes rituais funerários representam, em realidade, medos, incertezas e desassossegos individuais e colectivos que nos encaminham a querer compreender algo mais da vida humana, do seu começo e da sua data de caducidade, da intensa relação entre o Eros e o Tânatos. Assim, de todos os rituais existentes nas sociedades humanas, os mais elaborados e os de maior importância são os funerários.

Porque os mortos não desaparecem. A lembrança lateja com a força da proximidade que tem a pessoa defunta, e precisa de homenagens que, na nossa terra, cavalgam entre o cabodano e os encontros que, pelo mês de Santos, quando remata o verão e começa o inverno, se fazem com

os defuntos da família. É o tempo em que os mortos podem chegar a falar com os parentes. É o tempo em que estamos situados entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, como um luto temporal que perdura sempre. É o tempo de recolher-se nas casas e falar dos contos de caminhos, dos aparecidos nas congostras, dos alaridos e das luzes nos campos-santos, das senhas, das visões, dos avisos, das encruzilhadas, é dizer, dos mistérios da noite e da escuridade, da analogia entre o mundo ultratúmular e o nosso mundo. Não acreditamos, mas escutamos. Não cremos, mas sentimos. E chega o 2 de Novembro de 2011, na saída da missa no campo-santo, às 5 da tarde, falamos com uma vizinha, aparenta mais de 80 anos, viúva, e na procura do tesouro dizemos-lhe que a gente nova já não acredita nestas coisas. Agarra-me o braço, fixou a vista em mim e afir-

mou com franqueza que "quando era nova tampouco vinha a estas cousas, mas quando a hora se aproxima uma tem que ir preparando o caminho".

Um caminho que para Celtas, Egípcios ou Gregos necessitava de objectos que os superviventes se preocupavam em facilitar no seu leito de morte. Os Polinésios e os Ostiak de Obdorsk, moradores de latitudes bem diferentes, ainda mantêm a prática de dar ao morto a sua canoa para chegar à ilha do além. Ficam enterrados. Os Betsileo de Madagáscar ou os Toda da Indonésia têm rituais relacionados com a cremação dos corpos. Todos eles semelham-nos próximos.

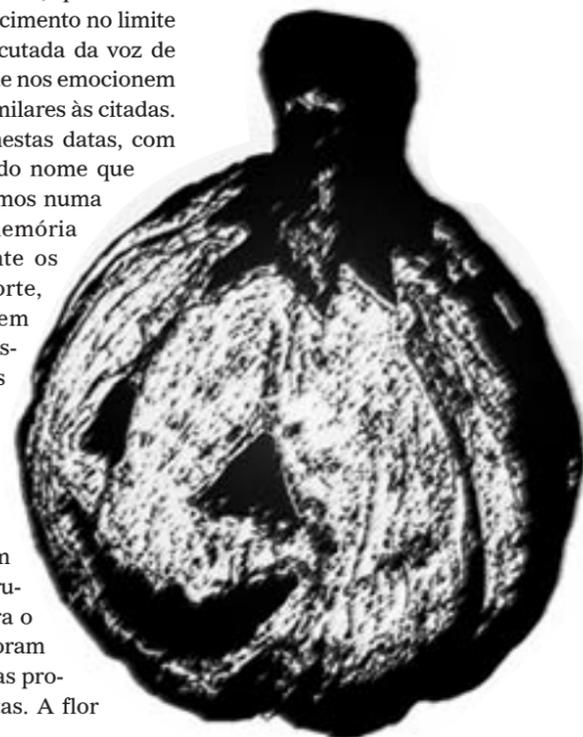
O Samaim é o nome irlandês da celebração que os celtas festejavam nos primeiros dias do mês de Novembro. A utilização tradicional de cabaças a jeito de caveiras teve presença na paróquia chanta-

dina da Carvalheira até, pelo menos, a década do 1930. Diz uma vizinha que "voltávamos da escola em Seoane, começava a escurecer, e os moços punham entre o milho cabaças com olhos e boca, e uma vela acesa dentro dela para darnos medo. Nós corríamos cara à casa". Àquele costume não lhe foi capaz de pôr nome, mas o importante diste relato está na presença de objectos semelhantes entre o Samaim tradicional irlandês, o Halloween moderno importado dos americanos e as lembranças dos nossos maiores galegos. É uma formosa história de ida e volta, transoceânica, que foi resgatada do esquecimento no limite de poder ser escutada da voz de pessoas vivas que nos emocionem com palavras similares às citadas. Em realidade, nestas datas, com independência do nome que lhe demos, estamos numa apoteose de memória colectiva perante os mortos e a morte, que reaparecem provocando a fascinação de todos os vivos.

As flores que as gentes cultivavam nas suas hortas e que preparavam com delicadeza em cruces e coroas para o dia de finados, foram substituídas pelas profissionais floristas. A flor

aparece como luz, como cor, como vida, como primavera no coração mesmo do outono mais inverno. O morto que nasce de novo, que floresce no além e que deixa um legado para filhos e netos. Porque as casas galegas sempre foram os vivos, os mortos, as terras e os animais. Isso é a casa. Casa do Ferreiro, Casa do Monteiro, Casa do Carrego, Casa do Boeiro, Casa da Canga e centos delas mais. Este é o nosso legado.

No entanto, no cemitério podemos ler numa lousa que nos despede "aqui repousam os nossos ossos aguardando pelos vossos".





EM TEMPOS

QUANDO A MOTOSSERRA ERA UMHA ARMA CARREGADA DE FUTURO

Um grupo de marinheiros do Morraço que trabalhavam nas águas do banco canário-saariano decidiu pôr em andamento umha iniciativa encaminhada a recuperar a memória das luitas pola dignificação do setor. Fôrom duas décadas de mobilizações, primeiro para exigir atendimento sanitário no pesqueiro e umha convenção coletiva que recolhesse melhoras laborais; depois para reclamar um acordo entre a União Europeia e Marrocos que permitisse a milhares de galegos continuarem a trabalhar; e finalmente na procura de medidas sociais que acompanhassem o fechamento definitivo do banco pesqueiro para a frota galega. A iniciativa, que foi perfilada numha juntança recente em Cangas na qual participárom muitos e muitas das protagonistas, inclui a elaboração dum arquivo com os documentos que se conservam dos conflitos, a organização dumha amostra fotográfica itinerante e a realização dum documentário que resume as protestas. No ato de Cangas projetou-se um trabalho audiovisual elaborado por 'Galizacontrainfo'.

I. G. R.

O primeiro passo da iniciativa está a consistir na localização dos documentos que se conservam com o objetivo de criar um arquivo que poda ser consultado no futuro. Som milhares de panfletos, autocolantes, escritos, cartazes que, após compilados, serám depositados nalgumha instituição pública. "Trata-se de que as novas gerações conheçam umha etapa muito importante da história do nosso país e das luitas sindicais galegas", resume Manuel Camaño, um dos principais protagonistas daqueles anos e atual Secretário Nacional de Relações Internacionais da CUT. Em sua opinião, é imprescindível recuperar e contar o que sucedeu nesse tempo "para que os moços e as moças entendam que por muito menos do que está a acontecer hoje em dia, daquela fijo-se muito mais". Diante disto, reivindica a vigência da palavra de ordem mais repetida entom: "A motosserra é umha arma carregada de futuro".

Outra das pessoas que participárom ativamente nas mobilizações, também na qualidade de dirigente sindical, aprofunda precisamente na importância de recuperar a memória. "Todas as luitas do passado tenhem que ser explicadas para que a gente que nom as viveu saiba por que sucedêrom e poda tirar conclusões", sustém Xabier Aboi, o responsável comarcal da FGAMT-CIG de Pontevedra. "A memória é perigosa para o poder, por isso aos poderosos nom interessa que se recupere", afirma, ao tempo que lembra que as luitas marinheiras só se podem entender num contexto de mobilização social em defesa do futuro do país perante o desmantelamento dos nossos setores produtivos. "Era o mar, mas também o agro e a gaderia, e frente a essas agressões só o sindicalismo nacionalista foi quem



MIGUEL NÚÑEZ

de dar a batalha", remata.

A segunda fase do processo de recuperação histórica, prevista para o ano de 2012, consistirá na organização dumha amostra com as instantâneas realizadas por 20 fotógrafos de imprensa que nesses anos cubrírom informativamente as mobilizações. A ideia dos promotores é que seja umha exposição itinerante que percorra o Morraço, Vigo e As Palmas, outro dos epicentros da luta marinheira. Todo esse material gráfico será recolhido depois num volume que contará também com textos dos redatores que desde os seus meios de comunicação apoiárom as luitas marinheiras.

O último passo consistirá na realização, a longo prazo, dum documentário em que se repassem as duas décadas de reivindicações. A encarregada de elaborá-lo será a ONG Cooperação Pesqueira

Galego Sarauí, entidade criada no ano de 2001 cm o objetivo de manter acesa a chama da solidariedade com a República Árabe Sarauí Democrática, depois de o pesqueiro ter fechado definitivamente.

"Aquí están os do catamarám"

A motosserra é umha arma carregada de futuro. A Assembleia de Marinheiros em Luita do Morraço fijo sua esta palavra de ordem lá polo ano de 1995, em pleno conflito pola falta dum acordo entre a UE e Marrocos que permitisse a milhares de galegos continuarem a trabalhar nas águas do banco canário-saariano. A motosserra conseguiu levar os problemas dumha indústria massacrada pola lógica capitalista ao primeiro plano da atualidade. Os eucaliptos cortavam estradas e vias do trem e bloqueavam aeroportos. Homens e mulheres organizados no sindicalismo nacio-

nalista punham em xeque as forças repressivas com a sua afouteza e com a originalidade das suas protestas: sequestro dum catamarám com 240 passageiros a bordo, assalto do Corte Inglés para distribuir comida entre as pessoas necessitadas, tomada do navio Nort Horizon em Vila Garcia horas antes de embarcar nele a comissária europeia das Pescas, ocupação dos Consulados da Alemanha, Holanda e Portugal em Vigo...

Continuavam deste jeito as mobilizações iniciadas polas tripulações da frota congeladora em 1980 para exigirem atenção sanitária no pesqueiro e oito anos depois para reclamar melhoras laborais e plasmá-las numha convenção coletiva. Numha época em que o nosso país era vítima da maior ofensiva que se lembra contra os seus setores produtivos, só a dignidade dos homens e mulheres do mar e da terra foi

quem de lhe fazer frente. A Europa punha as suas sujas maos sobre nós e a resposta do povo galego trabalhador organizado no sindicalismo nacionalista foi contundente.

A primeira grande mobilização foi em 1988. Após a rotura do acordo pesqueiro com Marrocos e enquanto durassem as negociações, o Governo espanhol propujo umha série de ajudas que na realidade eram um adiamento reintegrável que depois era descontado da prestação por desemprego. Os marinheiros exigírom umha convenção coletiva que recolhesse melhoras sociais e laborais, algo que a patronal Anacef rejeitou. A 22 de junho é declarada a greve desde alto mar e uns 150 navios voltam ao porto das Palmas. Fôrom dous meses de paralisação e mobilizações em que os grevistas se enfrentárom às forças repressivas e conseguírom paralisar a cidade. A semente prendera.

Depois virírom as mobilizações de 95. Já a partir de 1999, depois de a frota galega ser obrigada a abandonar o pesqueiro, recrudescem-se os protestos para reclamar medidas sociais de acompanhamento. Fôrom três meses com mobilizações diárias e quatro greves gerais na comarca do Morraço.

"Txakurras fora do Morraço"

A pressão das forças repressivas foi umha constante que tivêrom que padecer os marinheiros e as suas famílias. Como exemplo, basta lembrar o titular a cinco colunas que abria a primeira capa da edição do Morraço do jornal Faro de Vigo, que começou a andar a 31 de março de 1998, em plena luta para impedir o fecho do pesqueiro: "La Guardia Civil controla a los líderes marineros de O Morrazo".

Detenções, seguimentos e agressões tornárom-se habituais, mas a resposta operária foi sempre contundente. A capacidade de organização, a originalidade dos protestos e a valentia das mulheres e dos homens do mar pugêrom em xeque muitas vezes os exércitos de polícias e guardas-civis que o Estado espanhol enviava para reprimi-los. "Demos-lhe candela no Alto da Portela", outro dos lemas que popularizou a Assembleia de Marinheiros em Luita fazia alusom aos cortes de trânsito com barricadas nessa zona de acesso a Cangas, mas também aos duros enfrentamentos com os "anti-distúrbios". Mas foi aquela famosa mensagem de "Txakurras fora do Morraço" que podia ser lida durante as manifestações convocadas na comarca nessas datas, a que melhor resumia o rejeitamento de toda a comarca a umha repressão policial que mais umha vez nom foi capaz de dobrar a dignidade do povo trabalhador galego.



AS MAULAS

Xela Rodríguez (Foto) / NGZ (Texto)



As Maulas som o dia final das Sam Lucas em Mondonhede. Rematam as festas (após a Revéspera, a Véspera, o Dia próprio, e o Dia do Meio), e os feirantes vendem os últimos produtos que ficam. Dous dias antes das Maulas, o Dia das Sam Lucas (18 de Outono), o gado do monte amontoa-se no Campo dos Passarinhos.

Os tratantes e os mediadores trabalham a manhã inteira para vendê-lo, e o que nom é vendido nesta, volta ao monte. Som horas de barulho, botas de montar, varas, chapéus, coletes, couro e quartos, que mudam de umha bilheteira para outra após os tratos serem feitos.

A feira das Sam Lucas foi “concedida” a Mondonhede por Afonso VII no ano de 1156, ao tempo que o título de cidade que ainda possui. Mantém-se, ainda que baixou de oito a cinco dias. Mas, ao tempo, outras feiras de gando mais novas, como a de Ámio, em Compostela, esmorecem. Nom som “concedidas”, esmorecem. E esmorecer é umha palavra afiada, de face dupla... Depois de esmorecer, as cousas esvaem-se, e logo nom fica nada.

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No *NOVAS DA GALIZA* pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Concha Rousia é uma das nossas mais comprometidas escritoras. Colaboradora dos Colóquios da Lusofonia, representou a AGLP na Academia Brasileira de Letras, nas visitas a Macau, aos Açores e a outros lugares da Lusofonia... Hoje apresenta no *Novas* uma linda reflexão sobre os rascunhos sem frutificar, flutuantes, como jornadas perdidas na memória da infância, o rio, a roupa a secar, ou as palavras, não pronunciadas, de antigos amores.



por Concha Rousia

Apagando rascunhos

Hoje decidi apagar velhos rascunhos, alguns que guardava em gavetas virtuais, outros em folhas de papel que vou guardando sem guardar, e ainda outros que guardo em minha pele, que se arrepia com significados, daí depois passam ao texto, e ainda outros dentro do território do meu corpo e minha mente. Reconheço que foi doloroso ler o que um dia senti, o que um dia foi lume, mas não chegou a arder em poema, em momento de magia, ora igualmente se converteu em cinza...

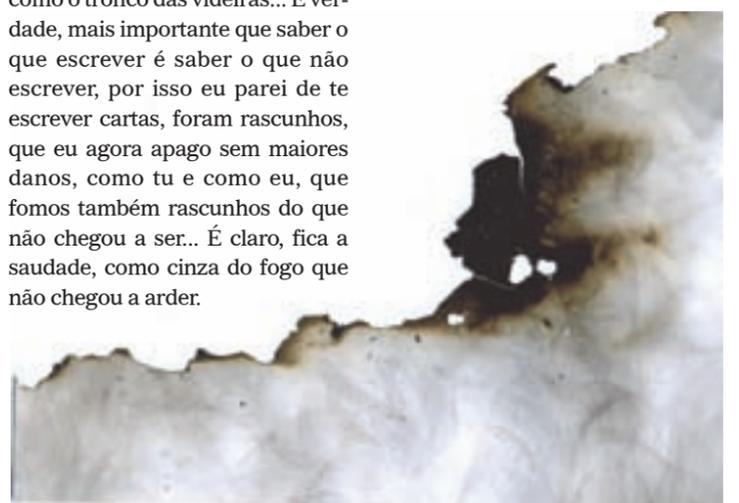
Pobres palavras armadilhadas em meus sentires, condenadas a

morrer sem serem lidas; mas rascunhos são assim, e eles sabem que são isso, sabem de seu destino, como nós sabemos do nosso, como nós sabemos de nossos dias de inverno e primavera que aguardavam por seu verão, porque é apenas no verão que a vida frutifica, e agora e verão e os rascunhos, tinham que florescer, mas passou seu tempo, e eles tem que ir, nada deve ser guardado além sua fronteira de vida... Lembro-me hoje de outros verões, aqueles nos que íamos um dia inteiro para o rio, toda a roupa era carregada no carro de vacas: lençóis, mantas,

casacos, camisas... tudo ia para o rio, e voltava limpo, esta limpeza minha de hoje é o mais parecido com aqueles dias no rio, dias de beleza azul das flores silvestres, livres, como éramos...

Mas eu apago os meus rascunhos sem ir ao rio, podia ir, mas a veiga da infância fica longe demais para meus dias sem horas tantas, e então eu apago os meus rascunhos tranquilamente em casa, tomando um vinho, branco, como metáfora de folha em branco, dia em branco, vida em branco... O tinto reservo-o para esses poemas que sim serão escritos, sonetos fortes, clássicos,

como o tronco das videiras... É verdade, mais importante que saber o que escrever é saber o que não escrever, por isso eu parei de te escrever cartas, foram rascunhos, que eu agora apago sem maiores danos, como tu e como eu, que fomos também rascunhos do que não chegou a ser... É claro, fica a saudade, como cinza do fogo que não chegou a arder.





LÍNGUA NACIONAL

Quotidiano

Valentim R. Fagim

É sábado e a Marisa ergue-se às 10:00. O despertador canta aquilo de “Avião sem asa, fogueira sem brasa...” da maravilhosa gaúcha **Adriana Calcanhotto**. Com a melodia na cabeça toma duche e depois vai até à cozinha preparar o almoço.

Como fai regularmente, abre o *Chuza* para ver as notícias selecionadas pola comunidade, especialmente as de Galegoman. No jantar com a malta poderá contornar os

temas enlatados e bater papo sobre temas originais, mais oxigenados.

Pega no carro, acende o rádio e sintoniza *Galicia por Diante*, umha entrevista dirigida por Belén Regueira sobre novas profissões. Fai vários recados e vai jantar com o pessoal, onde uma das notícias do *Chuza* provoca uma conversa intensa dessas do tipo: temos-que-salvar-o-mundo.

De tarde, nom deveria porque é sábado, mas quer preparar uma



boa aula sobre história medieval. Abre a *wikipédia* e procura um artigo sobre Joana a Beltraneja,

onde descobre que em Portugal recebe o nome de Joana de Trastâmara ou a “Excelente

Senhora”... sabemos como é, a história é de quem a escreve.

Gosta de ouvir música enquanto trabalha, abre a *Cotonete* e cria uma rádio com *Buraka Som Sistema*. Na verdade, nunca soube como é capaz de trabalhar com o *Kuduro* de fundo... mentes som insondáveis.

Som já às 20:00 horas e duvida entre sair com o pessoal a tomar um licor café ou ficar na casa a ler um livro... ganha a leitura, por uma vez. Pega no último livro da trilogia ‘Millenium’, *A Rainha do Castelo de Ar*, está mesmo enganchada e hoje dará cabo dele.

Um dia qualquer, de uma pessoa qualquer, cada vez mais comum na Galiza.

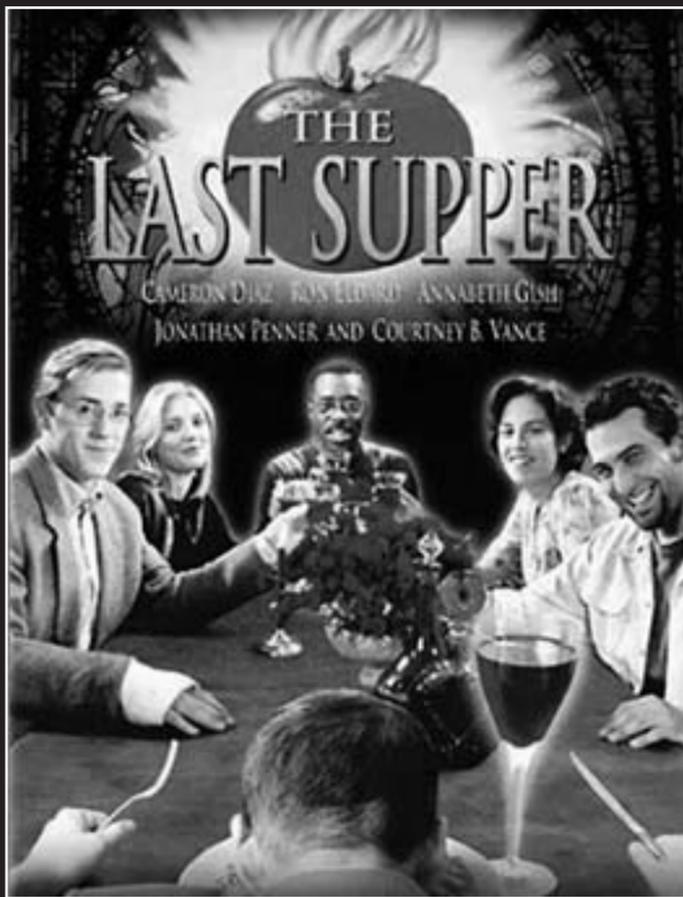
CINEMA PARA PENSAR

The last supper (A última ceia)

Francesco Traficante

O filme, do ano de 1995, é a típica obra filmica para fazer pensar e criar debate. É umha obra quase teatral e dirigida pola realizadora Stacy Title. Ainda que de aparência realista, asinha nos damos de conta que se trata de personagens e situações levadas ao extremo, mas que se podem aplicar a situações quotidianas numha escala menor. A história baseia-se em cinco estudantes de esquerdas, que a partir de um acidente no seu apartamento, onde um soldado filo-fascista morre à faca, decidem convidar a umha (última) ceia todas as personagens de extrema-direita para assassiná-las por envenenamento, pois assim conseguiriam um mundo “um pouco melhor”, sem personagens tam desprezíveis. Conseguem acabar com várias destas pessoas de relevância social, sempre de forma impune, mas ao escolherem personagens cada vez mais duvidosas, começam a surgir as primeiras divergências entre o grupo. Decidem portanto dar umha viragem e convidar alguém inequivocamente conservador e de ideias aparen-

temente mui radicais: um famoso político que aparece continuamente nos meios de comunicação. E digo aparentemente porque é nesse momento que se dá umha profunda viragem no percurso do filme. Quando já estão a sorrir e a pensar em envenená-lo irremediavelmente, começa a falar com um tom pacifista, com que defende a liberdade de cada um para pensar o que queira, com que se mostra absolutamente em contra do uso da violência, mesmo em casos extremos, dando os seus argumentos morais. Isto desarma a segurança que tinha o grupo, cria um forte debate entre eles, que afinal decidem nom matá-lo. Mas o político, que já se deu de conta de que o vinho estava envenenado, mas nom sabia que decidiram nom matá-lo, adianta-se e som eles os que afinal acabam morrendo polo seu próprio veneno ao brindarem. E toda a história é muito interessante, primeiro já polos próprios debates que há nas ceias entre os estudantes e os convidados, mas o mais importante som os dilemas morais que som colocados ao público espectador. Até que ponto podemos trair os nossos valores morais individuais para obter um suposto bem coletivo? Nom fala-



mos de umha resposta defensiva perante o uso da violência, mas do uso da violência ativamente para defender uns postulados ideológicos. Por outro lado, o político, que nom usa a violência física, sim que induze com os seus discursos incendiários a que outras pessoas exerçam essa violência. Ele justifica-se dizendo que nom é responsável polo que os seus seguidores eventualmente podam fazer, pois cada um é responsável polos seus atos. Por outro lado, o político

revela-se um cínico, pois di que ainda que sabe que é o espectro político moderado o que toma as decisons, decide utilizar argumentos da extrema-direita para ganhar notoriedade mediática e mais votos, pois sabe que os seus votantes mais moderados entendem que se governa nom vai chegar a fazer o que di. Assim consegue votos de um espectro mais amplo. E contudo, com falar de direitos humanos, moderação, tolerância, etc. assim que tivo a

suspeita de que o iam matar, nom duvidou em envenenar cinco pessoas friamente para salvar o seu pejejo. E eis o interesse do filme: até que ponto se pode justificar o maquiavelismo em política, seja do signo que for? Os dous casos som desprezíveis, mas ainda que repugne de um ponto de vista ideológico, quem é mais imoral, o político cínico ou os estudantes que matam? A mensagem é clara: quando se começa com a violência por um fim teoricamente bom moralmente, entra-se numha espiral onde a violência acaba tendo umha dinâmica própria que acaba ultrapassando o que num princípio levou a exercê-la, e onde é bastante frequente que os que a exercem acabem por sofrê-la também. E aí é onde eu discrepo da conclusom que quer dar a realizadora. Por desgraça som muitos os violentos que saem impunes, sobretudo quando estão aliados com o poder, e mais se esse poder nom é democrático. Filme ideal para criar debate, pois mesmo muitas das pessoas que leiam este artigo discreparam comigo ou terão fortes matizes que fornecer. Por isso, pensar e debater é fulcral numha sociedade que queira ter umha democracia de qualidade, pois há muito tempo que se sabe que umha democracia “verdadeira”, “autêntica” ou “real” pertence ao mundo das ideias e da utopia. Existem ditaduras e existem democracias melhores ou piores, mas nunca perfeitas. Se é impossível umha sociedade de indivíduos perfeitos, como vai ser a soma deles perfeita?